“DA LARANJA QUERO UM GOMO, DO LIMÃO QUERO UM PEDAÇO”: TRANSITORIEDADE E TRANSFORMAÇÕES DE GÊNERO NO FILME TIRÉSIA (2003)

Aureliano Lopes da Silva Junior

Mestrando em Psicologia Social/UERJ

aurelianolopes@gmail.com

Anna Paula Uziel

Doutora em Ciências Sociais, professora adjunta do Instituto de Psicologia da UERJ, pesquisadora do CLAM/IMS/UERJ

“Teresinha de Jesus, de uma queda foi-se ao chão”

Lançado oficialmente na Mostra Competitiva de 2003 do tradicional Festival de Cinema de Cannes, na França, o filme Tiresia, do diretor e roteirista Bertrand Bonello, conta um trecho da história de uma transexual brasileira que trabalha como prostituta em Paris. O foco é em sua relação com Terranova, personagem um tanto quanto soturno, fechado em si mesmo e declaradamente fascinado por transexuais/travestis. Logo no início da projeção, vemos imagens de magma vulcânico em movimento ao som de *Allegrette*, música da 7ª Sinfonia de Beethoven, que parecem dar um tom épico à narrativa, que principiará com o seguinte monólogo em off de Terranova:

> Logo estarei em meu jardim de rosas. Logo. Estou esperando. Rosas cheias de espinhos. Aromas falsos. Melhores que os verdadeiros. O original é vulgar. Por seu passado. Foi só uma tentativa, uma tentativa. A ilusão não é o real. A cópia é perfeita. A cópia é perfeita... Como a vejo. Como a sinto. De volta ao meu jardim esta noite. Novamente rosas. Mesmo que só haja uma... Um lindo dia.

Terranova se remete às travestis e transexuais que encontrará no *Bois de Boulogne*, reduto da prostituição trans em Paris. A evocação das rosas é bastante propícia, pois é realmente desta forma que este personagem parece lidar com as trans, como rosas, símbolos de um tipo de feminilidade fascinante, pelas quais é completamente apaixonado, mesmo que para se ter uma delas, tenha que retirá-la do jardim e trancafiá-la em um vaso. Após passar por diversas trans, em uma cena considerada por vários críticos e espectadores como uma das mais belas do longa-metragem, Terranova desce de seu carro e inicia sua busca pela rosa perfeita. Em um

ambiente que mistura delicadeza e vigorosidade, corpos deliberadamente desenhados e em exposição e negociação, ele caminhará ao som de folhas e galhos sendo pisoteados e frases projetadas em francês e português, já que grande parte da rede de prostituição transexual e travesti em Paris é composta por brasileiras. É aí que se depara com Tiresia que, um pouco afastada de suas colegas, entoa suavemente a cantiga popular brasileira "Teresinha de Jesus" por entre as árvores do *Bois de Boulogne*.

Tiresia, que na primeira parte do filme não é nomeada desta forma nem de outra, parte para a casa de Terranova acreditando tratar-se de um programa habitual, porém acaba sendo presa em um dormitório sem nenhum tipo de explicação. É mantida como refém, sendo amarrada pelos pulsos com uma corda durante as noites, pois seu agressor/admirador dorme junto a si em todas estas. Terranova recusa qualquer contato sexual com Tiresia, mas permanece sempre ao seu lado, conversando e fazendo as refeições em companhia desta no quarto/cativeiro. Ele parece manter contato exclusivamente com ela; sua relação com o mundo exterior é caracterizada apenas com seus cuidados e falas dirigidas ao porco-espinho que habita o jardim de sua casa, fato este que pode ser lido como uma clara alusão à feminilidade masculina de Tiresia e sua relação de fascínio e dominação frente a esta.

Os dias passam, Tiresia insiste em ser solta, mas a única resposta que recebe é a companhia constante e atenciosa de Terranova. Seu corpo começa a se modificar devido à falta dos hormônios que mantêm suas feições femininas, os quais Terranova não consegue obter junto ao irmão dela, pois este descobriria que Tiresia se encontrava em seu poder. Renato, o irmão, também é o cafetão que gerencia a prostituição trans no referido *Bois de Boulogne*. *Allegrette* de Beethoven volta a ser música de fundo do filme e a imagem do porco-espinho morto à marteladas serve como introdução para a cena em que um atordoado Terranova furará com uma tesoura os olhos da cada vez mais masculina Tiresia, para em seguida abandoná-la inconsciente em um local ermo e aparentemente longe de Paris.

"Teresinha levantou-se, levantou-se lá do chão"

Tiresia fica cega e recupera seu aspecto masculino. Acolhida por uma família formada por um pai e uma filha muda, ela passa a ser ele[1] e involuntariamente desenvolve poderes adivinhatórios, tornado-se um tipo de oráculo da região, cuja população passa a crer após verem confirmadas suas predestinações. Tiresia não parece se incomodar com sua forma masculina, pois após a violência sofrida, foca-se muito mais em uma tranquilidade que conseguiu alcançar do que na forma feminina que tanto prezava e se esmerava em manter. Os moradores da região pareciam desconhecer seu passado feminino, menos o padre do local, que por diversas vezes o confronta.

E nos perguntamos: qual a verdade que Tiresia teria a revelar? Contra qual verdade ela é confrontada: a verdade dos fatos que ainda não aconteceram e ela antecipa

[1] Cabe ressaltar aqui que nesta segunda parte do filme, em que Tiresia se masculiniza, a personagem deixa de ser interpretada por uma atriz, Clara Choveaux, para ser personificada por um ator, Thiago Telès.

ou a verdade de seu sexo, de um sexo que a definiria de forma identitária e a colocaria ou não em um lugar de sujeito? O que ela é obrigada a dizer?

Com a aparência de um homem, Tiresia não deixaria de ser uma ex-trans, possuidor de um passado que o condenaria e envergonharia, ou seja, que apontaria para um tipo de reprovação no presente devido à sua deliberada não legitimidade passada. Enquanto uma transexual, carregaria consigo a negação de sua masculinidade em favor de um feminino que é buscado e inscrito em sua subjetividade, o que colocaria seu corpo em trânsito na condição de marginal e também de não legítimo. À Tiresia não restaria outra coisa senão um constante e sempre possível apontamento para seu sexo, pois este seria o grande traço de sua subjetividade, senão o único; sua verdade inquestionável. Seu gênero parece ser definido apenas como o que ela faz com seu sexo.

Este traço é o mesmo da tese do poder produtivo da sexualidade, defendida por Michel Foucault no seu já clássico livro "História da Sexualidade I: A vontade de saber" (1976). Segundo este autor, somos incitados a falar de sexo e este dispositivo da sexualidade tem o poder de nos produzir enquanto seres sexuados, colocando e mantendo o sexo em um lugar primordial e fundante de nossas subjetividades e/ou identidades. Apenas supostamente reprimido, pelo menos na modernidade e em nossa contemporaneidade, o corpo sexuado e sexualizado está sempre em destaque, mesmo que esta ênfase seja colocada em termos repressivos. Foucault discorrerá sobre esta "vontade de verdade, dessa petição de saber que há tantos séculos faz brilhar o sexo: história de uma obstinação e de uma tenacidade" (1985, p.77), mostrando-nos o quanto somos escravos de uma constante e reiterada busca por uma suposta verdade e saber sobre o sexo. Em seguida, lançará as seguintes questões: "O que é que pedimos ao sexo, além de seus prazeres possíveis, para nos obstinarmos tanto? Que paciência, ou que avidez é essa em constituí-lo como o segredo, a causa onipotente, o sentido oculto, o medo sem trégua? E por que a tarefa de descobrir essa difícil verdade se tornou finalmente convite a suspender as interdições e a desatar os entraves?" (p.77).

Tânia Navarro-Swain (2006) faz este mesmo questionamento, afirmando logo no título de seu texto que entre a vida e a morte existe o sexo e que apenas este parece ser importante na vida das pessoas. Ser feliz, ou qualquer similar, pode ser lido como ser sexualmente ativo, potente e por isso feliz. Quanto mais sexo melhor, o que não se reduz apenas a relações sexuais mas a todo um dispositivo da sexualidade que nos produz e somente torna legitimo os corpos inteligivelmente sexuados. Estes seriam os corpos que se conformariam à normativização dos ideais da sexualidade e do gênero, sendo coerentes aos modos de subjetivação validados por uma matriz heterossexual normativa (Butler, 2003) que teria "o poder de produzir – demarcar, fazer, circular, diferenciar – os corpos que ela controla" (Butler, 1999, p. 154).

O foco do sexo, e consequentemente da sexualidade, é na genitalidade e, como postula Berenice Bento (2006), parece que existiriam então "homens-pênis" e "mulheres-vaginas" (p.157), estando firmemente colada a percepção do gênero e as possíveis práticas sexuais ao órgão genital e, logo, à própria constituição da subjetividade. Instaura-se um ciclo performativo, no e através do qual

> (...) a identidade de gênero institui sua própria imagem e se realiza em sua atualização: o "eu" se torna possível enquanto sujeito através de práticas e representações de "mim". Não preexiste à sua instituição.

> Talvez pudéssemos chamar "*técnicas de mim*" este processo em que de mim para mim e de mim para os outros eu digo e represento: "eu sou". (Navarro-Swain, 2002, p.330, grifos no original)

"Eu sou" fundamentalmente sexo; partilhante, produtor e enaltecedor de uma "miséria sexual [que] é a obrigação do sexo como medida do ser, como essência identitária, padrão de comportamento, verdade na qual desenho meu perfil, meus contornos, minha inserção no mundo" (Navarro-Swain, 2002, p.334). É uma verdadeira miséria a redução da subjetividade ao sexo, à sexualidade e também ao gênero, já que meu corpo e minhas práticas só adquirirão inteligibilidade se a forma como se dá minha generificação for coerente ao que se espera de mim. Somos aprisionados a ideais sexuais que nunca serão alcançados ao mesmo tempo em que pedimos para cada vez mais não sairmos desta prisão, vide as muitas capas de revistas que não trazem nada além de um corpo escultural (leia-se também saudável) com apelos sexuais e o bombardeio de informação sobre como se tornar o homem e a mulher perfeitos e desejáveis.

Apesar de todos os esforços para compreendermos de forma separada e desnaturalizada sexo, gênero e sexualidade, ainda nos deparamos em nosso dia-a-dia com práticas e concepções que não desvinculam tais categorias, exigindo coerência entre estas, além de criar estereótipos e preconceitos. Gênero ainda é lido como sexo ou apenas uma atualização deste último, pelo menos no plano das práticas cotidianas, sendo estas as mesmas que constroem o corpo transexual como preponderantemente sexual e perigoso à normatização dos seres.

Somos criaturas cuja verdade se encontra na genitalidade e na exigência de corpos generificados e sexualizados de forma normativa. Mas o que acontece com os corpos que de alguma forma não se inscrevem nesta unívoca forma válida de subjetivação? E que subjetividade é esta que é produzida mergulhada nesta profusão sexual? Ela pode ser nômade? Ou é ainda uma modesta possibilidade?

"Tanta laranja madura, tanto limão pelo chão; tanto sangue derramado dentro do meu coração"

Tiresia é mostrada como uma transexual e se nomeia desta forma. Mas que categoria é esta? Que corpos ela está tentando particularizar e ao mesmo tempo universalizar?

Berenice Bento (2006) evidencia que falar de transexuais não é dizer do outro, mas de nós, de nossos próprios modos de identificação ou subjetivação. O que seria colocado em cheque pela experiência transexual é a não naturalidade das formas de assunção do sexo e do gênero, para nos remetermos ao termo e noção de Judith Butler (1999), que afirma que um corpo se tornará um corpo humano e adquirirá legitimidade através da "apropriação constrangida da lei regulatória, pela materialização daquela lei, pela apropriação e identificação compulsória com aquelas demandas normativas" (p.166).

Se pensarmos nossos modos de subjetivação como uma negociação entre diversos discursos e categorias de forma a nos materializar dando-nos determinado nome e contorno, perceberemos que os ditos corpos trans são constituídos da mesma forma como qualquer outro corpo. Por não se encaixarem na classificação normativa masculino ou feminino, a partir da década de 1950[2] começa a tomar forma o dispositivo da transexualidade, como muito bem nomeou Berenice Bento (2006), objetivando abarcar estes corpos desviantes. Esta autora afirma que primordialmente dois discursos tomaram para a si a responsabilidade de explicar e reenquadrar na normalidade os sujeitos transexuais: um biológico, proposto pelo endocrinologista Harry Benjamin e outro psicanalítico, postulado pelo psicanalista Robert Stoller. O primeiro destes modelos (transexual benjaminiano) tentava localizar no corpo e em suas diversas conexões biológicas a causa da transexualidade (ou transexualismo) ao passo que o psicanalítico (transexual stolleriano) suponha que a origem deste desvio estava nas relações parentais, principalmente a estabelecida com a mãe.

Apesar de todas as suas divergências teóricas, estas duas correntes tinham como traço comum principal a noção de que transexuais não eram normais, que eram homens em corpos femininos ou mulheres em corpos masculinos, que necessitavam ser corrigidos de acordo com seu gênero "correto". Se a transexualidade deixava de ser vista como aberração era para assumir o caráter de patologia, fixando de forma universal que o/a transexual é infeliz com seu corpo, desejando sua correção em direção à (hetero) normalidade. Este caráter ainda é fortemente vigente na contemporaneidade: a cirurgia de transgenitalização, bem como o tratamento hormonal e outras intervenções legais, só são autorizados após diagnóstico e acompanhamento por equipe multidisciplinar que certificará que aquele sujeito é um/uma transexual. O carimbo da transexualidade só será dado, por profissionais capacitados – e não diretamente pelo sujeito em questão – após preenchimento dos requisitos descritos no Código Internacional de Doenças (CID-10) e no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV)[3], como sentimento de inadequação com seu gênero, falta de prazer com seu corpo e centralidade na realização da cirurgia de mudança de sexo. Muitos transexuais partilham estes itens, porém talvez seja possível afirmar que nenhum deles/delas é tão estereotipado quanto uma diretriz médico-psiquiátrica.

Como frisa Bento (2006), há uma diversidade de transexuais, desde os que abominam seu corpo até os que não desejam a cirurgia "corretiva". A invenção desta categoria do/da transexual acabou por fixar como central nesta experiência a genitalidade, concebendo este sujeito a partir de seu sexo, o qual não estaria de acordo com o gênero que ele sente/vive. Além disso, está implícito nesta vivência do gênero a heterossexualidade como o desejo dos/das transexuais. São equívocos que um olhar mais atento e livre para o cotidiano, como demonstrado pelos encontros do campo de Berenice Bento (2006), poderão desfazer. São muitos os tipos possíveis de transexuais, porém esta multiplicidade muitas vezes é silenciada tanto pelos profissionais que os assistem como pelos/as próprios/as transexuais, já que é o enquadramento na categoria

---

[2] Apenas para evitar possíveis equívocos, esta data se refere à criação da categoria transexual como utilizada nos dias de hoje e não ao possível primeiro registro de corpos trans ou intersexo.

[3] A patologização das categorias transexual e travesti é discutida por Jorge Leite Júnior em sua tese de doutoramento intitulada "'Nossos corpos também mudam': sexo, gênero e a invenção das categorias "travesti" e "transexual" no discurso científico" (2008). O autor traçará o histórico de como tais categorias foram capturadas pelo discurso científico, principalmente a medicina, e utilizadas como dispositivos de normatização de corpos.

psiquiátrica que garantirá alguns buscados benefícios, como acesso legal aos hormônios, além da legitimação de si como humano, mesmo que patologizado. Ser reconhecidamente uma transexual, no caso da transexual feminina, ainda a diferenciará de ser nomeada como travesti, categoria extremamente marginalizada e que assume de forma muito mais deliberada a ambiguidade de seu corpo e gênero.

Tiresia é uma transexual que, se na cena em que se mostra frontalmente nua para Terranova segura seu pênis e diz "Olha o que eu sou. É desumano. É asqueroso. Olha bem." (2005), em outra na qual tem um sonho erótico, desfruta prazerosamente de uma relação sexual com um homem e uma mulher, sem nenhum constrangimento com seu corpo trans. Além disso, Tiresia é uma prostituta, profissional que tem em seu corpo a principal ferramenta de seu trabalho, não cabendo pudores nas relações profissionais por ela estabelecidas.

A relação de Tiresia com seu corpo não parece ser de inadequação ou repulsa, apesar da cena acima mencionada. Seu corpo é feminino, esbelto, tornado aquele no qual ela se reconhece tanto pelo uso de hormônios como por seu cuidado estético consigo mesma. Na segunda parte do filme, após ter seu corpo masculino com seios femininos lavado por Anna e vestido com roupas largas, lhe diz: "Se você ao menos soubesse o que eu fiz para ser bonita" (2005). De forma análoga a esta fala de Tiresia, podemos nos remeter à análise feita por Sônia Maluf da personagem Agrado, do filme "Tudo sobre minha mãe" (1999) do cineasta espanhol Pedro Almodóvar. Segundo Maluf, "o que Agrado assinala em seu discurso é mais o processo de tornar-se do que o produto final da mudança. Ao apontar para o silicone (e não para o seio simplesmente), ela aponta para o processo, para o movimento inscrito nesse corpo" (2002, p.149). Tiresia aponta para seu processo de feminilização, não tão ambíguo quanto o de Agrado mas na mesma busca por beleza e legitimidade desta última. E beleza aqui não deve ser lida apenas como a construção de um corpo segundo padrões estéticos vigentes e valorizados, mas como a transformação de um corpo no gênero que se crê e portanto se é.

Há uma valorização por parte de Tiresia de sua feminilidade, a qual é construída através de diversos movimentos, como sua preocupação com a aparência, cabelos, pele e roupas e a manipulação de hormônios. Quando no cativeiro estes começam a faltar e ela desenvolve caracteres masculinos, como barba e traços não mais tão suaves, ela se desespera e por vezes parece se entregar a um processo de mortificação. Privada da liberdade de ir e vir e da liberdade para se ser o que se deseja, ela vai esvaziando-se, como que sem energia para viver. Não deixa de ser inquietante o fato de que na segunda parte do filme Tiresia seja mesmo interpretada por um homem; o feminino almejado e produzido se torna apenas um vestígio inscrito em seu corpo, sendo que este agora é um outro completamente diferente, quase que uma outra vida.

"Da laranja quero um gomo, do limão quero um pedaço; do menino mais bonito, quero um beijo e um abraço"

Tiresia, o filme, se pretende uma releitura contemporânea do mito grego de Tirésias, o que coloca sua narrativa cinematográfica em relação a uma história exterior a ela. Segundo a versão mais conhecida deste mito, contada por Brandão (1992) e

mencionada por Maluf (1999) em sua análise das metamorfoses de gênero, Tirésias era um profeta com dons adivinhatórios dados por Zeus como recompensa pelo fato de sua cegueira advir de um castigo de Hera. Certa vez ao escalar o monte Citerão, deparou-se com duas cobras em cópula e separou-as. Conta-se ainda que teria matado a fêmea. Nas diversas variações do mito, mantém-se a separação das serpentes por Tirésias, o que teria lhe transformado em mulher. Passados sete anos, voltou ao mesmo monte Citerão e novamente encontrou duas cobras acasalando-se e mais uma vez as separou, o que devolveu-lhe sua condição masculina.

Tirésias foi chamado para intervir em uma disputa entre Zeus e Hera sobre quem alcançava mais prazer sexual, o homem ou a mulher, pois já tinha experimentado os dois sexos, sendo o mais indicado para responder a esta questão. Ele responde que era a mulher e que se dividisse tal prazer em dez partes, o homem alcançaria apenas uma e a mulher nove. Hera, furiosa por ele ter contado o grande segredo feminino, castiga-lhe com a cegueira, mas Zeus prolonga sua vida por sete outras gerações e lhe concede o dom da adivinhação.

Junito de Souza Brandão (1992) oferece uma interpretação sobre o castigo de Hera nesta versão do mito de Tirésias: a fúria daquela não estaria relacionada apenas à revelação do segredo feminino, mas sim ao posicionamento da mulher de forma inferior ao homem, pois ao afirmar que ela obtinha "nove décimos de prazer, estava, na realidade, traçando um perfil da superioridade masculina, da potência de Zeus, simbolizando todos os homens, únicos capazes de proporcionar tanto prazer à mulher" (p.176). Esta interpretação é bastante machista e constitui-se como uma forma de manutenção do *status quo* das diferenças de gênero, ou ainda, da superioridade do homem frente qualquer outro ser; ela toca na questão de gênero, mas justifica e naturaliza a dominação masculina.

Ao reeditar o sábio Tirésias como uma transexual, o filme de Bertrand Bonello pode ter pretendido resolver este embate de Zeus e Hera, pois, estando em trânsito de gênero, Tiresia, a personagem cinematográfica, obteria um prazer que não seria nem do homem nem da mulher. O prazer de Tiresia seria múltiplo, borrado em seus limites de coerência normativa, assim como é plural as diversas possibilidades das experiências transexuais. Como aponta Berenice Bento nas linhas finais de sua tese acerca da sexualidade e gênero na experiência transexual, há uma interrupção da "linha de continuidade e de coerência que se supõe natural entre corpo, sexualidade e gênero, ao mesmo tempo em que apontam os limites da eficácia das normas de gênero e abrem espaços para a produção de fissuras que podem, potencialmente, transformar-se em contra-discursos e libertar o gênero do corpo-sexuado" (p.235).

A experiência trans guardaria a potencialidade de transformação das tão rígidas normas de gênero e sexualidade, mas não através de um ser exótico que profeticamente traria seu corpo em trânsito como a grande luz que iluminaria nossos parcos modos de subjetivação generificados e sexualizados. Tiresia não pode ser vista apenas como necessariamente sexo e que por isto teria muito a dizer e a ensinar ao mundo. Um corpo em trânsito, feito justamente de uma não linearidade da tríade sexo/sexualidade/gênero, também não se encontra à frente dos compostos binários. Esta lógica dual não consegue abarcá-lo, porém isto não o coloca em primeiro lugar em uma hierarquia teórica de gênero. Esta potencialidade de transformação muitas vezes provocada pelos corpos trans seria a de tentarmos não nos reduzir ao sexo e ao gênero, como também não caberia nos restringirmos a qualquer outra categoria ou marcador social. Sermos livres,

de forma que ser homem ou mulher, homo ou heteressexual, vermelho, azul ou amarelo, não importe. Reconhecemos que isto é por demais utópico, mas talvez ganharíamos muito mais vida e menos combates deste modo.

Um argumento bastante interessante é o de Suely Rolnik (1998), para quem a guerra dos gêneros pode levar ao estabelecimento de "tristes gêneros" (p.63), pois caso se foque a luta apenas no plano visível das identidades e figuras fixadas *a priori*, cairemos novamente em uma representação binária ou normativa dos gêneros. Reivindicar determinado gênero preocupando-se com sua demarcação identitária ao mesmo tempo em que o eleva como tal em um nível macro, também o reduz em suas novas possibilidades de subjetivação e ser cotidianos, pois os esforços para mantê-lo demarcado impossibilitam qualquer movimento, mesmo naquelas figuras que suposta e teoricamente poderiam apontar uma saída para nossos "problemas de gênero", como os corpos trans. Para Rolnik, "quase tudo leva a crer que é possível instalar-se de modo vitalício numa determinada figura, sem que jamais tremam seus contornos; a impressão é de que acredita-se que tremores são pura expressão de fraqueza e que os fortes não conhecem isso" (1998, p.64-65). E os tremores não são possíveis nem às categorias mulheres, homens, travestis, transexuais, homossexuais... *ad infinitum*.

Por vezes parece que se temos que dizer de um transexual, digamos do que possui um caráter universal; se falaremos de homossexuais, defendamos o gay másculo e bem-sucedido e a lésbica feminina, já que um homem afetado e uma mulher masculinizada – as clássicas bichinhas e sapatonas – manchariam a positivização homossexual; a travesti então, geralmente associada à prostituição e outras marginalidades, só adquire visibilidade enquanto ser exótico envolvido em escândalos ou produções pornográficas ou caso "se salve" pela educação e frequente uma universidade. Estamos sempre encaixotados, sem mobilidade e correndo em busca de nos tornarmos ideais, mesmo sabendo desde o início que nunca alcançaremos tal patamar.

É inegável admitirmos que transexuais são sujeitos de direitos, e como qualquer outro, devem ser abarcados por políticas públicas e principalmente ter sua legitimidade reconhecida por todos os setores da sociedade, incluindo os dispositivos legais. Porém, por vezes, este dispositivo da transexualidade parece se prestar apenas para uma adequação de sujeitos a um ideal normativo de ser, visto a transexualidade ser concebida como patologia segundo classificação do CID-10 e do DSM-IV. Abarcada pelo discurso médico-científico sob os diagnósticos gerais de Transexualismo ou Transtorno de Identidade de Gênero, a transexualidade tornou-se passível de ser corrigida, adequada ou simplesmente legitimada por tal discurso, validade esta que geralmente não é encontrada pelas/os transexuais em instituições sociais, como a família, escola, trabalho, etc. E muito mais do que adequar seu corpo ou genitália a uma suposta coerência biológica ou de gênero, o que os e as transexuais desejam é alguma forma de legitimidade, de serem reconhecidos como sujeitos, ainda que não tão adequados quanto às subjetividades forjadas – e plenamente validadas – segundo o ideal fálico heteronormativo.

O sofrimento, a discriminação e a inadequação entre a forma como você se concebe e se esforça para ser e o que lhe é prescrito por diversas instituições das quais faz parte é bastante grande e gera diversos tipos de respostas a esta tensão. Como afirma a já mencionada travesti Agrado, "custa muito ser autêntica, senhora. E, nessas coisas, não se deve economizar, porque se é mais autêntica quanto mais se parece com o que sonhou para si mesma" (citada por Maluf, 2002, p.145). Tentar ser da forma como você

se concebe naquele determinado momento pode entrar diretamente em choque com o que você *deveria* ser, com o caminho que se esperava ser seguido, principalmente porque esta tentativa pode não ser considerada tão bonita quanto a esperada.

A luta para se ser reconhecido como humano é mais do que urgente, mas tenhamos cuidado para não acabarmos reproduzindo a mesma lógica de dominação e estabelecimento de uma nova verdade sobre o que seria válido ou não. A mudança poderia ser para a busca de uma epistemologia flexível – *queer*? – que não adquira sustentação apenas com o estabelecimento de bases tidas como fortes, mas sim por admitir e potencializar a criação de subjetividades diversas e transitórias, sem que isso implique em perdas. A guerra deveria ser "contra a perpetuação dos gêneros" (Rolnik, 1998, p.68) e faz-se urgente que nossos radares se voltem para a multiplicidade cotidiana do imprevisível, do invisível, da desterritorialização. E não estamos falando de planos teóricos mas reais, calcados em nossas práticas; nossas vidas são impossíveis de serem previstas e lidamos com o absurdo e o novo diariamente, muitas vezes sem nos darmos conta, principalmente se nos focamos na caça às regularidades e confirmação de hipóteses.

Tiresia não tem uma verdade a revelar, seja uma transexual ou não, homem e/ou mulher, brasileira ou francesa, humana ou abjeta. Tiresia tem uma vida a viver, com suas lutas, desejos, prazeres, trânsitos e cristalizações. Um nome ou uma categoria são apenas parcas formas de tentarmos abarcar uma realidade complexa e em movimento, que se atualiza no momento mesmo de sua instituição. Nenhum oráculo nos dirá nada, nenhuma estabilidade é possível. Sempre teremos muito a aprender e a desconstruir, leis a serem seguidas e transgredidas. Será que conseguiremos nos subjetivar de modo híbrido, abraçando o múltiplo constitutivamente e ainda termos um pouco de paz? De que estamos nos esquecendo? Em que estamos no excedendo? O que precisamos admitir e assumir? Até quando Zeus e Hera estarão em combate? Quantos castigos serão necessários e quantos sujeitos precisarão morrer?

Caminhos são possíveis, então, caminhemos! Quem é que não está em trânsito?

Referências bibliográficas

BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006

BENEDETTI, M. R. *Toda feita:* corpo e gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo". In: LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. 6.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

LEITE JÚNIOR, Jorge. *"Nossos corpos também mudam": sexo, gênero e a invenção das categorias "travesti" e "transexual" no discurso científico*. São Paulo: PUC-SP, 2008. Tese de Doutorado apresentada na Faculdade de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

MALUF, S. W. . O dilema de Cênis e Tirésias: corpo, pessoa e as metamorfoses de gênero. In: Alcione Leite da Silva; Mara Coelho de Souza Lago; Tânia Regina Oliveira Ramos. (Org.). Falas de Gênero. 1ª ed. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999, v. 1, p. 261-275.

_____. Corpo e desejo: Tudo sobre minha mãe e o gênero nas margens. *Revista de Estudos Feministas*, vol.10, nº 1, Jan. 2002, pp.143-153

MARINO, Paula Rodríguez. Travestismo: la construcción de la identidad de género sexual en algunas comedias norteamericanas. *Intexto*, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 2, p. 1-12, julho/dezembro 1997.

MENDONÇA FILHO, Kleber. Poema sobre o fascínio da beleza. *Cinemascópio* [online]. Disponível em: http://cf.uol.com.br/cinemascopio/criticasf.cfm?CodCritica=1037. Acesso em 01 ago 2009.

_____. Bertrand Bonello. *Cinemascópio* [online]. Disponível em: http://cf.uol.com.br/cinemascopio/entrf.cfm?CodEntrevista=119. Acesso em 01 ago 2009.

NAVARRO-SWAIN, T. . Entre a vida e a morte, o sexo. *Labrys. Estudos Feministas*. Brasília, Montreal, Paris, v. 12, n. julho/dez, 2006.

_____. As teorias da carne: corpos sexuados, identidades nômades. *Labrys, Estudos Feministas*. Brasília, Montreal, Paris, v. 1-2, n. jan/dez, 2002.

_____. Identidade nômade: heterotopias de mim. In: Margareth Rago; Luis Orlandi. (Org.). *Imagens de Foucault e Deleuze*. Rio de janeiro: DP&A, 2002.

PRINS, BAUKJE; MEIJER, IRENE COSTERA. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, 2002.

ROLNIK, Suely. “Tristes Gêneros”; “Machos e fêmeas”. In: LINS, Daniel (org.). *A dominação masculina revisitada*. Campinas: Papirus, 1998.

TIRESIA. Direção: Bertrand Bonello. Produção: CLF. Roteiro: Bertrand Bonello e Luca Fazzi. Intérpretes: Laurent Lucas; Clara Choveaux; Thiago Telès; Célia Catalifo; Lou Castel. [São Paulo: Califórinia Filmes], 2005. 1 DVD (115min).